

### Dossiê Temático: Teatralidades negras, africanas e afrodiaspóricas



**Imagem da Capa**  
**Projeto Gráfico:** Marcelo Pires de Araújo  
**Espetáculo:** Revista Íntima  
**Direção:** Vicente Concílio  
**Foto:** Caio Cesar

#### Para citar este Editorial:

DESS, Conrado; OLIVEIRA, Erico José Souza de; LIMA, Evani Tavares; ALEXANDRE, Marcos Antônio; ONISAJÉ, Fernanda Júlia Barbosa; LAICE, Nilza Gomes de Oliveira. Editorial – Dossiê: Teatralidades negras, africanas e afrodiaspóricas. **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 4, n. 53, p. 1-4, dez. 2024.

 10.5965/1414573104532024e0903



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)



**Urdimento** REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS E-ISSN 2358.6958  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

CHAMADA DE TRABALHOS: v. 4, n. 53, dezembro 2024

**DOSSIÊ TEMÁTICO**  
**Teatralidades negras,  
africanas  
e afrodiáspóricas**



**SUBMISSÕES ATÉ 20/09/2024**

Comitê Editorial: Professoras/es e/ou pesquisador (a) Conrado Dess, Universidade de São Paulo (coordenador); Érico José Souza de Oliveira, Universidade de Brasília; Evani Tavares Lima, Universidade Federal da Bahia; Marcial Macome, Universidade de São Paulo; Marcos Antônio Alexandre, Universidade Federal de Minas Gerais; Fernanda Júlia Barbosa - Onisajé, Universidade Federal da Bahia.  
Foto: Adeloyá Ojú Bará com Nando Zâmbia e Fabiola Nansurê em cena de Sire Obá.

   

**Comitê Editorial** – O Comitê Editorial proponente deste Dossiê Temático foi composto pelas/os professoras/es: **Conrado Dess** (Coordenador – USP); **Érico José Souza de Oliveira** (UnB); **Evani Tavares Lima** (UFBA); **Marcos Antônio Alexandre** (UFMG); **Onisajé**, **Fernanda Júlia Barbosa** (UFBA); **Nilza Gomes de Oliveira Laice** (Universidade Eduardo Mondlane – Moçambique).

## Editorial – Dossiê: Teatralidades negras, africanas e afrodiaspóricas

Pensar a presença negra nas artes da cena é um desafio que tem mobilizado artistas e pesquisadores de forma significativa nos últimos anos. Diante de um campo de estudos ainda edificado sobre pilares brancos e eurocêntricos, como é o caso da pesquisa em artes cênicas, torna-se urgente que as investidas práticas e teóricas voltadas à fratura desse alicerce colonial ocupem, de maneira crescente e renovadora, os meios e espaços que o sustentam. Seja nas universidades brasileiras, onde os currículos e quadros docentes permanecem amplamente marcados pela branquitude; nos periódicos acadêmicos da área, ainda concentrados sob a hegemonia de comissões editoriais e publicações de autoria branca; ou nos palcos e demais espaços de criação e fruição artística, que, embora cada vez mais ocupados por artistas negros, ainda não refletem a pluralidade racial, étnica e cultural da população brasileira, o desafio que se impõe é a ampliação contínua dos esforços que buscam desestabilizar o legado colonial e escravocrata que atravessa nossa sociedade e cujas marcas ainda moldam, de maneira persistente, profunda e indelével, as dinâmicas sociais do presente.

A publicação do dossiê **Teatralidades negras, africanas e afrodiaspóricas** pela revista *Urdimento* configura-se justamente como uma tentativa de estabelecer e consolidar um espaço fecundo para a reflexão intelectual, o diálogo acadêmico e a valorização das especificidades e implicações de uma imersão qualificada. Trata-se, sobretudo, de um esforço para evidenciar a produção de discursos poéticos e estéticos elaborados por artistas e pesquisadores negros e negras, fundamentados nas culturas negras e no campo das artes cênicas. Nesse contexto, os artigos que integram a publicação abrangem uma variedade de temas e abordagens que revelam parte da riqueza e complexidade das formas edificadas pelas produções e práticas cênicas negras ao longo da história recente.

De maneira explícita, este dossiê recorre ao conceito de "teatralidades" como uma possível noção integradora, que designa um fenômeno gerado por corpos que se colocam em performance. A proposta consiste em examinar as particularidades desse processo quando atravessado pelas dinâmicas da negridade, convocando

um repertório estético e cultural negro originário tanto da Diáspora quanto da África pré-colonial. Enquanto processos que ultrapassam os arranjos formais delineados pela teoria das artes cênicas, essas teatralidades negras não se restringem ao teatro, mas abrangem também as danças, performances e práticas culturais que se materializam por meio da cena. Dada a dificuldade da teoria em capturar a complexidade intrínseca às práticas mobilizadas, é importante reconhecer que, embora abrangente, este conceito talvez não seja capaz de abarcar completamente a multiplicidade de temas e formas que os pesquisadores e pesquisadoras deste dossiê exploram.

Em **Teatralidades negras**, artigo de abertura da publicação, Conrado Dess (USP) examina o fenômeno da teatralidade negra, adotando uma abordagem que tensiona a construção histórica do conceito de teatralidade com perspectivas históricas, sociais e filosóficas que atravessam e moldam a existência negra. Referenciando pensadores como Fred Moten, Zora Neale Hurston, Josette Féral e Cedric Robinson, o autor discute a ideia de teatralidades negras, ressaltando as múltiplas complexidades e camadas de significação que atravessam a noção. Por fim, são analisadas formas de teatralidade negra produzidas pelos *drag balls* e pelo *voguing* e explorados modos como tais expressões são articuladas no espetáculo sul-africano *Nkoli - The Vogue Opera*.

No texto seguinte, é a noção de performatividade negra que é colocada em debate. Em **Performatividades das Negruras: em busca de um conceito de Teatro Negro Performativo**, Altemar Di Monteiro (UFMG) parte de autores como Leda Maria Martins e Richard Schechner para propor uma conceitualização dos teatros negros performativos como eventos que se integram à vida, ao abordar as experiências e formas de expressão das populações negridiáspóricas. Nesse contexto, a força vital das negruras, ou *axé*, assume um papel central, configurando-se como um elemento essencial na criação de espaços de liberdade, identidade e resistência nas práticas cênicas contemporâneas.

Na sequência, o artigo **Encruza: metafísica yorùbá para uma epistemologia da dança negro-brasileira**, de Maicom Souza e Silva (UNB), investiga a estética da dança negro-brasileira a partir de filosofias afrodiáspóricas e das epistemologias do mito, do corpo e da ancestralidade. Adotando uma perspectiva crítica e

afrorreferenciada, o autor exalta a história e a filosofia Yorùbá ao analisar o espetáculo *Encruza*, obra que celebra a ancestralidade e a resistência da cultura negra, ao mesmo tempo em que propõe reflexões sobre a emancipação estética e sobre a criação de vocabulários artísticos próprios.

Em **Linhagens de dança afro na cidade do Rio de Janeiro: panorama plural**, Laís Salgueiro Garcez (UNIRIO) explora as continuidades e ressignificações da dança negrorreferenciada no Rio de Janeiro, centrando-se nas heranças artísticas de Mercedes Baptista, Gilberto de Assis e Edilson Fernandes (Xerife). Por meio de entrevistas com artistas da dança, como Charles Nelson, Valéria Monã e Carmen Luz, o texto constrói um diálogo que revitaliza uma prática de tradição através do corpo que dança, consolidando uma importante genealogia da dança negra na capital fluminense.

Os dois artigos seguintes ampliam a abrangência do dossiê ao trazer uma perspectiva internacional. Em **A cena moçambicana: o teatro e a dança na cidade de Maputo**, Mariana Conde Rhormens Lopes (UNICAMP) traça um panorama histórico do teatro moçambicano, destacando sua trajetória e evolução, além de oferecer uma análise criteriosa da cena atual e das possibilidades futuras. No texto, a autora busca iluminar a cena cultural de Maputo, com especial atenção às produções de teatro e dança realizadas na cidade.

Já no ensaio “Poéticas dos corpos pretos, do Brasil a Madri: reverberações”, Marcos Antônio Alexandre (UFMG) propõe uma discussão sobre as possibilidades de encontro de quatro espetáculos que foram concebidos por artistas pretos nos contextos do Brasil e da Espanha, a partir de uma proposição de criação dramaturgica e estética pautada nas poéticas dos teatros negros.

No artigo, **Máscaras e mímicas no teatro brasileiro: uma decolonização da prática artística?**, de Erico José Souza de Oliveira (UNB), a reflexão sobre a herança europeia, sobretudo, francesa das pedagogias com máscaras e mímicas, serve para uma discussão crítica sobre as hierarquias e subserviências reforçadas pela noção de decolonialidade, tão em voga nas pesquisas artístico-acadêmicas sobre as artes da cena e suas relações com as culturas afro-brasileiras.

Em **Narrativas contra-hegemônicas: das conferências-concerto às peças-palestra**, Marcos Nogueira Gomes (UNICAMP) analisa as conferências-concerto promovidas pelo movimento abolicionista brasileiro no século XIX, que integravam teatro, música e discursos políticos para engajar o público na luta pela abolição. Relacionando esse formato às peças-palestra contemporâneas, marcadas pela incorporação de questões políticas e biográficas na cena, o autor investiga como artistas como Rafael Cristiano e Clayton Nascimento reelaboram a estrutura de conferência a partir de uma perspectiva afrocentrada. Ao estabelecer diálogos entre passado e presente, o artigo examina de que maneira essas práticas artísticas desafiam a hegemonia cultural e expandem as possibilidades do teatro como espaço de resistência e produção de reflexão política.

No artigo **Ancestralidade como princípio filosófico de uma cena encruzilhada: processo criativo do espetáculo *Sobretudo Amor***, Monica Pereira de Santana (UFBA) explora o processo de criação de seu solo autoral *Sobretudo Amor* (2021), que adotou a ancestralidade, a partir da cosmopercepção negro-africana, como princípio filosófico. No texto, Santana analisa aspectos desse processo, destacando estratégias empregadas, implicações, interlocuções e descobertas geradas por essa articulação. A autora fundamenta sua reflexão em um referencial teórico que inclui autores e autoras como Eduardo Oliveira, Leda Maria Martins e Diana Taylor, entre outros.

O último dos artigos do dossiê, **Tradições Afro-Brasileiras e Afro-Indígenas nas dobras do tempo**, de Irani Cippiciani (UNICAMP), examina os conceitos de ancestralidade, memória e corpo, relacionando-os às tradições afro-brasileiras e afro-indígenas. Com enfoque nas Congadas, a autora evidencia táticas de resistência que desafiam a linearidade temporal, valorizam cosmovisões não eurocêntricas e reafirmam narrativas marginalizadas. O artigo também apresenta exemplos de práticas pedagógicas e políticas, debatendo a incorporação de saberes tradicionais nas universidades por meio de metodologias que preservem suas particularidades. Por fim, ressalta a necessidade de evitar apropriações culturais e adotar padrões éticos como base para a construção de futuros coletivos sustentados pela pluralidade de saberes e pela resistência cultural.

Na seção de relatos, o texto **Uma poética da kizomba: um olhar sobre a macumba cênica da Semente Cia. de Teatro**, de Valdeci Moreira de Souza (UDESC), examina o trabalho da Semente Cia. de Teatro, coletivo que integra elementos do Candomblé em sua proposta de Teatro de Terreiro. Com sede no Espaço Semente, na periferia de Brasília, a companhia reconceitua o teatro como um espaço sagrado, fundamentado em uma ética quilombola e uma estética afrocentrada. Por fim, o dossiê se encerra com o texto teatral “Não corre, menino!”, de Leandro da Silva Batista (UDESC). Na obra, o dramaturgo apresenta um retrato comovente do impacto do racismo e da violência policial nas infâncias negras das periferias brasileiras, denunciando as dinâmicas de desumanização e brutalidade que permeiam a sociedade.

Em suma, as contribuições reunidas no dossiê **Teatralidades negras, africanas e afrodiáspóricas** refletem um compromisso com uma perspectiva crítica e afrocentrada. Por meio do que se reúne aqui, propõe-se um diálogo que não apenas interroga as bases coloniais que estruturam o campo das artes cênicas, mas também destaca as potencialidades criativas e epistêmicas advindas das artes negras. Tal abordagem revela-se essencial para a formulação de novas perspectivas e para a ampliação dos modos de conceber a cena. Mais do que um panorama reflexivo, apresenta-se aqui um convite ao aprofundamento do debate e à expansão dos horizontes teóricos e criativos das artes cênicas. Desejamos uma boa leitura.